

Nunca tinha olhado para aquelas últimas páginas!

Voltou atrás. Ali estava ela outra vez, naquele horrível retrato, aos seis meses, de dedo na boca e olhos de quem vai fazer berreiro. Um horror!

Reparou então nas palavras escritas à mão, mesmo por baixo do retrato. Se estavam ali, com certeza que era para serem lidas... Portanto não estava a ser indiscreta; e leu:

«A minha querida afilhada Catarina, aos seis meses. É linda!»

Catarina engoliu em seco. Esta agora!

Depois estava colado outro retrato. E com nova legenda:

«A minha linda Catarina começou a andar. É um amor!»

E depois era Catarina concentrada a olhar para um livro: «A minha afilhada é muito inteligente.» E Catarina num banco de jardim: «A Catarina é muito bem educada.» E Catarina com um gato ao colo: «A minha querida afilhada é muito meiga.» E mais, e mais, sempre mais retratos, sempre mais frases de carinho!

— E agora? — voltou Catarina a perguntar ao palhaço e à bailarina.

Não chegou a entender qual deles lhe respondeu:

— «Ora, ora, nem só de prendas e passeios se faz o afecto!»

Catarina encaminhou-se para o quarto de madrinha Isabel. Mas primeiro foi lavar as mãos.

A madrinha Isabel

— Hoje é dia de ir a casa da madrinha!

Para a Catarina esta frase de aviso queria dizer:

«Prepara-te que hoje é dia de te aborreceres a aturar as caturrices da madrinha Isabel!»

— Não há direito! A Leonor tem uma madrinha que lhe dá prendas; o Artur tem uma madrinha que o leva a passear de carro. Para mim ficou a pouca sorte de ter a madrinha Isabel, que só dá ralhetes e sabonetes para lavar as mãos. E só ouvi-la: «Menina, toma lá o sabonete e lava essas mãos que parecem as de um carvoeiro.»

Mesmo irritada, a Catarina imitava na perfeição a voz rebeteza da madrinha e provocava as gargalhadas dos irmãos.

— Claro, vocês riem porque não têm esta madrinha. Pouca sorte a minha. Olhem que foi azar!

Os irmãos concordaram, mas que podiam eles fazer? As madrinhas não se trocam como berlindes ou cromos de futebolistas. E até que eles nem estariam interessados. Uma madrinha Isabel não teria procura no mercado de trocas.



Natércia Rocha

Castelos de areia

Venda Nova, Bertrand Editora, 1995

— Catarina, despacha-te! Olha que já são horas de ires andando para casa da madrinha.

A mãe dizia aquilo com a maior das calmas, como se não estivesse a mandar a sua própria filha para uma tarde inteira de mortificação e suplício, de condenação sem julgamento. Não era justo! Mas não havia fuga possível: aquelas tardes com a madrinha nem tinham discussão. Era assim... e pronto.

Lá foi a Catarina, de cabeça baixa e um ramito de flores, mensagem de paz que a mãe lhe metera nas mãos.

Logo que a porta se abriu, Catarina fez o cumprimento habitual:

— Boa tarde, madrinha. Como tem passado? A minha mãe manda estas flores.

— Renhenhem nhum rem nhume.

Assarapantada, a menina prestou mais atenção à madrinha. Uma gargalhada atrevida ia já a sair quando a Catarina conseguiu segurá-la mesmo pela pontinha do rabo.

— Renhe nhum nham — continuava a D. Isabel.

— O que foi que lhe aconteceu, madrinha?

A Catarina falava só para conter o riso porque bem sabia ela o que tinha acontecido. Bastava olhar para aquela senhora, habitualmente tão activa e desenvolta. A madrinha era um espectáculo! Na cabeça, um lenço de rosas vermelhas e azuis fortemente atado debaixo do queixo; pelos ombros uma pesada manta aos quadrados verdes e pretos; os pés metidos em peúgas grossas e meias de lã; olhos choraminguentos e um termómetro preso entre os lábios. D. Isabel estava constipada e tomava todas as precauções para não piorar.

Constipações, gripes e catarros eram a sua maior preocupação, eram o inimigo, sempre à espreita para um ataque à falsa fé. D. Isabel defendia-se, mas o mafarrico era esperto e tinha-a apanhado com pulso forte.

Por gestos, Catarina foi enviada para a sala e D. Isabel recolheu ao quarto. Por muito constipada que estivesse, a madrinha não prescindia das duas horas de presença da afilhada. Mas queria que ela ficasse à distância, não se desse o caso de trazer agarrados ao casaco e às mãos mais micróbios aliados dos outros que já lhe tinham entrado em casa.

— Hunhunhum nhum nhum — fora a recomendação final da madrinha e Catarina traduzia:

— Podes ficar aqui na sala, mas primeiro vai lavar as mãos.

— E agora? Como vou eu passar este tempo todo? — perguntou a Catarina a um palhaço de cristal que se lhe ria na cara.

— E agora? — perguntou ela também à bailarina de porcelana em que nunca se atrevera a tocar.

Nas outras tardes de visita, a madrinha estava sempre ao pé dela, ralhava, recomendava que fizesse, que não dissesse, obrigava-a a olhar para o álbum de fotografias para lhe dizer quem eram as tias, as primas, as comadres e as afilhadas... Agora, a Catarina sentia-se um tanto sem guia; e foi talvez pela força do hábito que pegou no álbum de fotografias e começou a virar-lhe as páginas, com evidente enfado. Distraidamente, viu passarem senhoras de grandes chapéus, meninas com laçarotes, uma prima qualquer com um fato de banho até aos joelhos, outra com um biquini às bolinhas amarelas. Saltou umas tantas páginas e, de repente, parou.

— Mas esta sou eu! Nem sabia que a madrinha...